



O ARTESÃO E O EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA EM EVENTOS ENANPAD DE 1999 A 2008

Geraldo Magela Perdigão Diz Ramos
Mestre em Administração pelas Faculdade Novos Horizontes, Brasil.
Centro Universitário Metodista de Minas Izabela Hendrix, Brasil.
geraldo.perdigao@hotmail.com

Cristiana Fernandes de Muylder
Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa, Brasil.
Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura, Brasil.
cristiana.muylder@fumec.br

Denilson Aparecida Leite Freire
Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho, Brasil.
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.
denilson.freire@hotmail.com

RESUMO

Este estudo objetivou identificar nos artigos produzidos no período de 1999 a 2008, nos Encontros Nacionais da Associação de Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD), a ocorrência do termo artesão relacionando-o com o construto empreendedorismo. Utilizou-se a Lei de Zipf para determinar a frequência do termo “artesão” e do radical “empreend” nos textos acadêmicos dos encontros pesquisados. O resultado da pesquisa apontou que nos 6.683 artigos publicados no período pesquisado, a ocorrência do termo “artesão” girou em 0,99%, enquanto a ocorrência do radical “empreend” foi de 16,45%. Conclui-se que o empreendimento artesanal não despertou, ainda, o interesse da pesquisa na área de administração, mesmo tendo impactos consideráveis na economia e em toda sociedade, isso é, dos artigos publicados no EnANPAD nos dez anos analisados não trataram de forma unânime, intensiva ou aprofundada, a inserção do artesão como empreendedor no cenário empresarial.

Palavras-chave: Artesão; Empreendedorismo; Bibliometria; Negócios; EnANPAD.

INTRODUÇÃO

O estudo do empreendedorismo no artesanato é de suma relevância à formação acadêmica, por contribuir para a compreensão de como ele pode auxiliar na promoção do desenvolvimento econômico e social no Brasil, assim como servir de embasamento para futuras pesquisas e para orientar as novas tendências organizacionais que se apresentam com maior dinamismo às essas novas ideias, norteando um melhor planejamento no que se refere às organizações que atuam nesse segmento.

Indivíduos empreendedores são cruciais ao aparecimento de novos empreendimentos. Por meio de ações reformuladas, eles implementam suas empresas através do fluxo econômico (Dornelas, 2011).

O êxito da realização de um negócio está ligado a atribuições e a procedimentos de seus realizadores, que devem atrelar conhecimentos e persistência com o objetivo de crescer, desenvolver e se fazer presente no mercado (Drucker, 2008).

Para esse autor o empreendedor não deve esquecer-se, sempre que possível, de procurar acrescentar valor para a sociedade, gerando emprego, renda e promovendo eventos sociais tais como campanhas de conscientização da população, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico e social do país. Os valores sociais vêm ganhando cada vez mais força dentre a sociedade empreendedora atualmente.

Por um prisma lato, mais global e também mais regional, o artesanato vem se tornando uma atividade que gera grande desenvolvimento econômico e social. A United Nations Educational Scientific and Cultural Organization [UNESCO] (2009) reconhece o papel cultural e sócio-econômico do artesanato para comunidades, povos e países. O planejamento da UNESCO ressalta a conservação e a consolidação do artesanato, promovendo o diálogo e a troca de informações entre artesanato e *design*, com pontos de vista separados, mas interdependentes na mesma realidade criativa e econômica. Essa estratégia, em 2001, já tinha sido definida como alianças lucrativas (Yair, 2001).

Em consonância com o Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO, Cuéllar (1997) já afirmava que a perspectiva é de que o artesanato representasse cerca de um quarto das microempresas no mundo em crescimento e hoje essa premissa se confirma pelos dados registrados no Brasil (Mascêne & Tesdeche, 2010).

No Brasil, o artesanato é considerado como sistema de produção, representando empreendimento econômico. Pode ser visto, também, como instrumento estratégico de desenvolvimento regional, pois está presente em grupos populacionais em grande escala. Assim, o

aprimoramento da cultura de empreendimento para o artesanato é importante, por ser ele a principal manifestação cultural do país.

Segundo Freitas (2006, p. 29): “o artesanato proporciona mais emprego e produção com menos dispêndio de capital e, por isto, se torna importante fator de fomento social e econômico”.

Os núcleos artesanais não são planos de grupos sociais de sobrevivência ao sistema. São estratégias de produção que sobrevivem paralelamente ao processo industrial. Ofuscado pelo domínio dos processos empresariais, o modelo de produção artesanal foi ignorado pelas teorias administrativas. Mas o artesanato representa uma forma de disputa ou de tentativa de volta à forma original de produção, divergindo do modelo de produção econômica dominante no mundo contemporâneo. Ele aparece como opção amadurecida para a criação de ocupação e a promoção do desenvolvimento regional e territorial na atualidade (Maturana, 2001).

Entretanto, apesar de ser visto como meio de produção e geração de renda, o artesanato nem sempre é visto como uma fonte potencial de empreendedorismo. Por esse motivo, torna-se importante analisar se, na produção científica nacional, há estudos que relacionam empreendedorismo e artesanato e em que quantidade e proporção esse estudo acontece.

Sendo assim, o objetivo geral deste artigo foi identificar nos artigos produzidos, nos últimos dez anos – de 1999 a 2008, nos Encontros Nacionais da Associação de Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD), a frequência do termo “artesanato” e do radical “empresend”, de acordo com a Lei de Zipf. Foi utilizada a análise bibliométrica como método de investigação.

O ARTESANATO

O artesanato se apresenta como componente diário na vida do homem, como atividade primitiva. Ele surgiu a partir de necessidades como alimentação, proteção e como forma de expressão. O conhecimento empírico, isto é, conhecimento adquirido através de experiência de vida, estabelecendo desenvolvimento de ocupações específicas na formação social, fez com surgissem artesãos de diversos gêneros. Mecanismos de barganha que fomentavam a economia promoveram habilidades técnicas e criativas, originando a formação de grupos sociais que produziam e se organizavam como clãs; normalmente grupos corporativos como família, tribos e quilombos, estes com alusão aos escravos brasileiros. A atividade artesanal girava em torno da produção, do produto final e de seu comércio (Rugiu, 1998).

Na Grécia do século V a.C., o artesanato era definido como artes industriais ao mesmo tempo em que havia a predominância de indústrias domésticas. Nas corporações medievais existia a arte liberal, que é a produção através de ideias, e a arte mecânica, que é a produção de mercadoria, ou seja, duas vertentes de artesanato (Rugiu, 1998).

Apesar de o artesanato ter dado uma importante contribuição ao desenvolvimento da manufatura, a manufatura contribuiu para a sua marginalização, em decorrência da modernização produtiva das sociedades pré-capitalistas. As ações de continuidade ou de repetição eram caracterizadas pelo sistema de produção. O artesanato sofreu decomposição de ofício em operações parciais pelo estabelecimento da manufatura, culminando na divisão do trabalho. A divisão de tarefas gerava aumento da produtividade do trabalho, resultando em produtos com custos mais baixos (Morales Neto, 1996).

O artesanato gera emprego e produção requer menos custo, tornando-se fator de incentivo social e econômico (Morales Neto, 1996). Em consonância, Cuéllar (1997) dizia que unidades produtoras de artesanato podem se instalar a custo zero, principalmente em comunidades onde as tradições estão vivas.

A conceituação do artesanato é uma tarefa difícil, ante a polêmica existente entre aqueles que procuram defini-lo como uma atividade socioeconômica e os que a definem como uma atividade que expressa a cultura de um povo, região ou raça (Souza, 1991).

Ribeiro (1983) afirma que o artesanato abrange um rol de técnicas, o uso de certas matérias-primas, bem como um conjunto de elementos decorativos, às vezes peculiar de certas seções residenciais, conjuntos domésticos ou mesmo pessoas. A junção desses métodos seletivos são dotados de informações de caráter harmonioso, simbólico-religioso, social e étnico, representando um estilo tribal ou o macro estilo, apropriado a uma esfera cultural.

Lima e Azevedo (1982, p. 18) enfocam o processo produtivo, definindo o artesanato como:

[...] uma atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos, no qual se admite a utilização de máquinas ou ferramentas, desde que não dispensem a criatividade ou a habilidade individual e de que o agente produtor participe, diretamente de todas ou quase todas as etapas da elaboração do produto.

Um conceito de artesanato escolhido como referência para a realização deste artigo é o apresentado por Souza (1991): “[...] é uma atividade com finalidades comerciais, que pode ser desenvolvida com ou sem o uso de máquinas rudimentares, onde predomina a habilidade manual e a criatividade de seu agente produtor, e desde que a sua produção não se realize em série.”

O EMPREENDEDOR ARTESÃO

O que distingue o empreendedor de outros agentes organizacionais é a capacidade de visão; projetos que envolvam elementos de inovação e que se afastem de moldes existentes. Geralmente, essas visões são edificadas em torno de oportunidades de negócio percebidas no mercado. A partir das visões, é desenvolvido um conjunto de interações. Isso leva a uma conclusão: além de definir

visões, uma das particularidades do empreendedor é sua habilidade de gerar relacionamentos (Dolabela, 2004).

O empreendedor artesão procura revigorar suas atividades através da abertura de novas dimensões mercadológicas que apontam o artesanato brasileiro como condutor de elementos culturais, gerando trabalho e renda e, conseqüentemente, adquirindo uma função social que emblema autenticidade e promove a educação (Morales Neto, 1996).

Nas grandes cidades, o trabalho artesanal, historicamente, tinha como destino as feirinhas locais, lojas de aeroportos ou museus de folclore. A história dos artesãos, artistas com certo anonimato tem um roteiro com certas adaptações (Souza Neto, 2001).

Segundo Vives (1983, p. 137):

Qualquer que seja sua origem, raça ou nacionalidade, os artesãos têm um dom em comum: trabalham manualmente. E criam. Empregam como utensílios as mãos, instrumento incomparável, que máquina alguma poderá igualar, e dão formas a idéias e expectativas que, mesmo coletivas, recebem sua marca pessoal, como é o caso dos artesãos tradicionais. Os objetivos (objetos) que produzem, seja qual for o subsistema a que pertençam, não são únicos, como as obras de arte, mas jamais são idênticos a outros criados com a mesma finalidade, e até pelo mesmo autor. São objetos soberbos, singulares, cuja dupla valência traduz a tradição e seu intérprete. O homem e a cultura, expressos na grande liberdade do fazer manual.

Atualmente, o artesanato tem crescido, caracterizando-se como um negócio e já começa a fazer parte das estatísticas oficiais. O que antes era considerado um setor não-representativo, hoje é concebido como verdadeiro vetor de desenvolvimento sociocultural e econômico, principalmente para as comunidades menos favorecidas, e seu fomento uma variável estratégica para um plano de desenvolvimento local, integrado e sustentável. Nessa perspectiva, de acordo com Souza Neto (2001, p. 113). “ [...] as possibilidades para o setor artesanal brasileiro são muitas. Só o fato de, respeitosamente, colocar o artesão dentro da arena cognitiva e tratá-lo como um empresário em potencial já constitui uma grande inovação e até uma destruição criativa.”

Assim, o artesanato se consolida como uma organização social, fazendo parte de um cenário produtivo diferenciado que é importante para a sanidade da vida humana associada. Este cenário é compatível com a sociedade da informação, pois o empreendimento artesanal deve ser intencional e não imposto por terceiros e instituições. Para reduzir os riscos de fracasso e descontinuidade, os empreendedores dos negócios artesanais devem exercer a cidadania ativa e, como cidadãos, estimular a agregação da sua rede comunal para o desenvolvimento e a melhoria da produção, contribuindo para a satisfação individual e coletiva (Ramos, 1989).

Para ser um empreendimento econômico, o empreendedor de artesanato deve responsabilizar-se por formas de convivialidade produtiva que favoreçam os relacionamentos

comunitários e contribuam para o fortalecimento do tecido social, que precisa ser recomposto na nossa era, mitigando as consequências do capitalismo desagregador e do individualismo exacerbado da pós-modernidade (Fukuyama, 2000).

Levar os conhecimentos de cultura, auto-estima, cidadania, crescimento da cooperação às comunidades – principalmente às mais carentes – é criar condições para que elas, cada vez mais, articulem-se umas com as outras em associações, cooperativas, consórcios e outros tipos de enlances organizacionais, visando à obtenção de níveis de produtividade, qualidade e, principalmente, à flexibilidade tão necessária para enfrentar as turbulências, discontinuidades e incertezas atuais. O papel de resgate da auto-estima, da cidadania, do crescimento e da maturidade que as cooperativas passaram a exercer na comunidade foi muito importante para o andamento e o desenvolvimento do empreendedorismo dos cooperados (Dolabela, 2008).

Os estudos apresentados concordam com o conceito elaborado por Dolabela (2008) que diz que o sucesso do empreendedor-artesão está na sua visão de mundo, pois foram as suas percepções do ambiente que determinaram as oportunidades e os problemas inerentes à atividade artesanal. Caso essa visão seja apropriada, os artesãos poderão identificar melhor qual a natureza e o tamanho do espaço de oportunidades, quem é o seu cliente, como as necessidades dos clientes estão mudando e se é necessário investir em tecnologia. E o melhor de tudo é que os empreendedores artesãos estão encarando a diversidade cultural e a heterogeneidade como algo natural e fonte de oportunidades.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizado um estudo bibliométrico com o objetivo de identificar nos artigos produzidos, nos últimos dez anos, nos Encontros Nacionais da Associação de Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD 1999 a 2008), a ocorrência do termo artesão associado, conjuntamente, ao tema empreendedorismo.

A bibliometria é uma importante “ferramenta estatística básica, utilizada na gestão da informação e do conhecimento científico e tecnológico” (Guedes & Borschiver, 2005, p. 1).

Tratada como ciência bibliográfica por Zoltowski (1986) cujos estudos macrobibliométricos a desenvolvem como ciência concreta, a bibliometria caracteriza-se pela aplicação da análise estatística à produção bibliográfica de uma nação. Mas suas aplicações também têm sido realizadas por pesquisadores para avaliar e descrever estudos em campos específicos do conhecimento científico. Embora essa prática já viesse sendo utilizada desde 1980, sendo chamada de estatística bibliográfica, foi em 1969 que Pritchard propôs a utilização do termo bibliometria. Definiu-se então como aplicação de métodos matemáticos e estatísticos de livros e outros meios de comunicação,

aconselhando sua utilização em todos os estudos que buscassem quantificar o processo de comunicação escrita (Bufrem & Prates, 2005).

Atualmente uma das ferramentas mais utilizadas para estudos de cientometria são os índices bibliométricos, geralmente obtidos a partir de bancos de dados, onde parte da literatura científica mundial produzida anualmente está catalogada. A aplicação da cientometria é uma das principais razões pelas quais, hoje, se dispõe de tantas informações quantitativas sobre a ciência e porque se fazem tantas comparações sobre o desempenho científico, seja de um país, de uma comunidade científica ou de uma instituição. A análise quantitativa do que é publicado nos principais periódicos de determinada área do saber é uma forma de conhecermos a sua produção científica.

As principais leis da bibliometria levantadas por De Muylder, Rocha, Gonçalves, Souza e Oliveira (2008) são:

- a) Lei de Bradford: ligada à dispersão da literatura periódica científica, que “permite estimar o grau de relevância de periódicos em dada área do conhecimento. Os periódicos que produzem o maior número de artigos sobre dado assunto formam um núcleo de periódicos, supostamente de maior qualidade ou relevância para aquela área” (Guedes & Borschiver, 2005, p. 3);
- b) Lei de Lotka: ligada à produtividade científica de autores, considera que “alguns pesquisadores, supostamente de maior prestígio em uma determinada área do conhecimento, produzem muito e muitos pesquisadores, supostamente de menor prestígio, produzem pouco” (Guedes & Borschiver, 2005, p. 3);
- c) Leis de Zipf: que “permitem estimar a frequência de ocorrências das palavras de um determinado texto científico e tecnológico e a região de concentração de termos de indexação, ou palavras-chave (Guedes & Borschiver, 2005, p. 3).

Este estudo procurou verificar, de acordo com a Lei de Zipf, a frequência do termo “artesão” e do radical “empreend” nos artigos acadêmicos publicados nos eventos do EnANPAD dos últimos 10 anos.

Procedimentos para coleta das informações

Todos os artigos dos últimos dez anos dos eventos EnANPAD disponibilizados em formato PDF foram agrupados por ano, área e subárea. Para identificar os artigos que continham a ocorrência dos termos pesquisados foram utilizados os mecanismos de pesquisa interna de texto através do *software Text Filterer* versão 3.1 da *Edwardsoft* que possui um avançado mecanismo de busca de texto e que permite buscar palavras ou frases exatas ou por proximidade e armazenar os resultados em um arquivo texto sob a forma de um banco de dados.

As informações foram agrupadas primeiramente pela busca do termo “artesão” e nestes artigos identificados (que têm ocorrência do termo pesquisado) foi coletada a frequência por subárea, área e ano do evento, sendo ainda identificados os objetivos desses artigos.

Em todos os artigos que apresentaram a ocorrência do termo “artesão” foi pesquisada a ocorrência do radical “empreend”, o que foi foco para as palavras: empreender, empreendimento, empreendedor e empreendedorismo.

Procedimentos para análise das informações

Os arquivos texto foram levados à planilha *Microsoft Excel 2003* e lá unificados e tratados para que, através do recurso de “Tabela Dinâmica”, todas as análises estatísticas descritivas desejadas pudessem ser realizadas.

Desta forma, em posse de todos os artigos publicados nos eventos EnANPAD 1999 a 2008, identificou-se em primeiro lugar quais os artigos que continham o termo “artesão” e, posteriormente dentro desses artigos primou-se pela busca do radical “empreend”.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Segundo Souza Neto (2001), as possibilidades para o setor artesanal brasileiro são muitas. Só o fato de colocar o artesão dentro da arena cognitiva e tratá-lo como um empresário em potencial já constitui uma grande inovação e até uma destruição criativa.

A Tabela 1 mostra o número de artigos que possuem citação do termo pesquisado nos anais do EnANPAD nos últimos dez anos e o percentual de ocorrência em relação ao total de artigos publicados nos períodos analisados.

Tabela 1.

Ocorrências do termo artesão - EnANPAD 1999-2008

ANO	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% de ocorrência
1999	271	2	0,74
2000	364	10	2,75
2001	464	3	0,65
2002	554	2	0,36
2003	630	5	0,79
2004	799	5	0,63
2005	791	8	1,01
2006	836	9	1,08
2007	973	22	2,26
2008	1001	28	2,80
Total	6683	94	-
Média Simples	668,3	9,4	1,31

Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisando as ocorrências da palavra pesquisada nos artigos publicados pelo EnANPAD no período de 1999 a 2008, observou-se que a ocorrência do termo “artesão” aparece com maior frequência nos anos de 2000 (2,75%), 2007 (2,26%) e 2008 (2,80%), perfazendo uma média de 2,60%. Em 2007 e 2008, a quantidade de artigos publicados é 62,6% e 63,6%, respectivamente, maior do que em 2000, ou seja, o equivalente a 609 e 637 trabalhos a mais, respectivamente. Dessa forma, observou-se que a incidência do termo pesquisado nos períodos escolhidos é extremamente pequena em relação ao total dos artigos publicados. Pode-se ressaltar que nos últimos três anos houve um aumento da aparição do termo pesquisado nos artigos publicados pelo EnANPAD. Em média, foram encontrados apenas 9,4 artigos nos quais constam o termo “artesão”, dentre dos 6683 artigos publicados nos últimos dez anos nos anais do EnANPAD.

A Tabela 2 apresenta o número de artigos que possuem citações do termo “artesão” por área analisada e o percentual de ocorrências dos mesmos nos anais do EnANPAD - 2000.

Tabela 2.

Áreas com ocorrência do termo artesão - ENANPAD 2000

Área	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% ocorrências
ADI	26	1	3,85
ORG	71	9	12,66
Total	97	10	-
Média Simples	48,5	5	8,26

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dos 364 artigos publicados pelo EnANPAD em 2000, das 11 áreas temáticas analisadas, somente em duas encontramos a ocorrência do termo artesão, sendo que a ocorrência da palavra pesquisada predomina na área denominada ORG (Organizações), perfazendo um total de 12,66% dos 71 artigos publicados, conforme Tabela 2.

A Tabela 3 figura o número de artigos que possuem citações do termo “artesão” por área analisada e o percentual de ocorrência dos mesmos nos anais do EnANPAD - 2007.

Tabela 3.

Áreas com ocorrência do termo artesão - EnANPAD 2007

Área	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% ocorrências
APS	155	4	2,58
EPQ	92	1	1,09
EOR	99	14	14,14
GCT	67	2	2,99
GPR	88	1	1,14
Total	501	22	-
Média Simples	100,2	4,4	4,39

Fonte: Elaborado pelos autores

Sendo 973 publicações no anais EnANPAD – 2007, observou-se uma quantidade maior de ocorrência do termo pesquisado em relação ao ano de 2000, perfazendo um crescimento de 120%, ou seja, a ocorrência média do termo “artesão” nos artigos analisados gira em torno de 4,4 artigos.

Como a área intitulada EOR - Estudos Organizacionais foi a que indicou a maior ocorrência do termo neste período analisado, observou-se que a frequência do termo “artesão” concentrou-se somente na subárea denominada Teoria das Organizações, conforme Tabela 3.

A Tabela 4 figura o número de artigos que possuem citações do termo “artesão” por área analisada e o percentual de ocorrências dos mesmos nos anais do EnANPAD - 2008.

Tabela 4.

Áreas com ocorrência do termo artesão - EnANPAD 2008.

Área	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% ocorrências
APS	159	7	4,40
EOR	116	13	11,21
EPQ	100	5	5,00
ESO	110	2	1,82
MKT	118	1	0,85
Total	603	28	
Média Simples	120,6	5,6	4,66

Fonte: Elaborado pelos autores

Pode-se ressaltar que no ano de 2008 o termo “artesão” aparece em cinco áreas temáticas, sendo que as áreas APS – Administração Pública e Gestão Social, EOR – Estudos Organizacionais e EPQ – Ensino de Pesquisa em Administração e Contabilidade repetem-se nos anos de 2007 e 2008. No entanto, somente a área EOR – Estudos Organizacionais são comuns nos três anos analisados: 2000 2007 e 2008.

Observa-se que a área denominada EOR - Estudos Organizacionais revelou o maior percentual da ocorrência do termo pesquisado nos artigos publicados pelo EnANPAD em 2008 que representa 11,21% dos artigos analisados nesta área, conforme Tabela 4.

A tabela 5 apresenta o número de artigos que possuem citação do radical “empreend” dentro dos artigos que constam o termo pesquisado “artesão” nos eventos EnANPAD nos últimos dez anos e o percentual dessa ocorrência em relação ao total de artigos publicados nos períodos analisados.

Tabela 5.

Ocorrência do radical "empreend" nos artigos com termo artesão-EnANPAD/1999-2008

Ano	Áreas	Artigos	Número de ocorrências do termo artesão	Radical "empreend"	Frequência no total radical %
1999	AP	AP-07	1	4	1,48
2000	ADI	ADI-970	1	6	1,65
	ORG	ORG - 871	7	2	0,55
2001	ACT	ACT-631	1	3	0,65
	ESO	ESO-1147	1	17	4,67
2002	POP	POP-1123	1	7	1,26
2003	ECE	ECE-121	1	31	4,92
		ECE-1280	1	108	17,14
	GSA	GSA-467	1	19	3,02
	POP	POP-1167	1	23	3,65
2004	ECE	ECE-1788	1	106	13,27
2005	APS	APSC-906	2	51	6,45
		APS-2100	1	3	0,38
	ESO	ESOC-2810	1	69	8,72
	GCT	GCTC-191	1	139	17,57
2006	APS	APSC-1601	6	7	0,84
	EPQ	EPQA-2599	1	10	1,20
	ESO	ESOA-582	2	2	0,24
2007	APS	APSC-2838	1	143	14,70
	EOR	EORA-59TC	7	1	0,10
		EORA-128	1	3	0,31
	GCT	GCTC-1527	2	29	2,98
	GPR	GPRB-108	1	75	7,71
2008	APS	APSC-1146	5	11	1,10
		APSA-220	2	12	1,20
	EOR	EORA-2511	12	1	0,10
		EORC-1822	1	11	1,10
	ESO	ESOC-2226	1	29	2,90
		ESOC-2150	1	177	17,68
MKT	MKTD518	1	1	0,10	
Total			66	1100	-
Média Simples			2,2	36,7	4,59

Fonte: Elaborado pelos autores

Observou-se que nos anos de 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008 a ocorrência do radical “empreend”, dentro dos artigos que constam o termo “artesão”, apareceu com maior frequência em relação aos outros períodos pesquisados, perfazendo um total de 1042 aparições. Torna-se relevante

ressaltar que, no ano de 2005, houve maior ocorrência do radical pesquisado representando 23,82% do total das aparições.

Em 2003 ocorreram 181 aparições do radical “empreend”, sendo que as ocorrências preponderaram na área intitulada ECE - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor representando 17,14% do total de artigos publicados neste período.

Já no ano de 2004 ocorreram 106 aparições do radical “empreend”, na área intitulada ECE - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor, representando 13,27% do total de artigos publicados neste período.

Por outro lado, em 2005, constatou-se 262 aparições do radical “empreend”, sendo predominantes tais ocorrências na área intitulada GCT - Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação – subárea GCTC – Empreendedorismo e Negócios Inovadores, representando 17,57% do total de artigos publicados neste período.

No ano 2007 verificou-se 251 aparições do radical “empreend”, sendo que estas ocorreram sobretudo na área intitulada APS - Administração Pública e Gestão Social - subárea APSC - Gestão Social e Ambiental, representando 14,70% do total de artigos publicados neste período.

Em 2008 ocorreram 242 aparições do radical “empreend”, mas a ocorrência preponderante se deu na área intitulada ESO - Estratégias em Organizações - subárea ESOC - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor representando 17,68% do total de artigos publicados neste período.

Nos períodos analisados, observou-se que a ocorrência do radical “empreend” aparece com mais frequência na área intitulada Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor. Essa área foi criada em 2003 e envolve diversos temas relacionados ao empreendedorismo e ao comportamento empreendedor de pessoas, grupos e organizações. Os tópicos cobertos incluem estudos das características sociais, psicológicas e comportamentais de indivíduos empreendedores e suas implicações. O papel do capital de risco e de outras fontes de capital nos diferentes ambientes sociais, culturais e econômicos; a estrutura de governança em pequenas e médias empresas e seu impacto no crescimento e desenvolvimento das organizações. Engloba o papel que o empreendedor desempenha nas organizações privadas e públicas, assim como do terceiro setor e na sociedade como um todo; bem como sua relação com o desenvolvimento econômico de setores, organizações e empresas em diferentes culturas. Em 2005 essa área passa a ser agregada à divisão acadêmica denominada ES0 – Estratégias em Organizações no evento da EnANPAD de 2003.

Analisando a representatividade do termo artesão em relação ao radical “empreend” pode-se ressaltar que em 2008 a proporção do termo artesão em relação ao radical “empreend” foi de 23/242, ou seja, há 23 ocorrências do termo artesão para 242 ocorrências do radical “empreend”.

Nos 46 artigos analisados nos últimos dez anos no EnANAPD que contém o termo “artesanato”, constatou-se que trinta desses artigos focam o empreendedorismo, representando 65,22% dos totais de artigos que constam o termo pesquisado “artesanato”. Somente dois artigos publicados em 2007 e 2008 concentrados na área denominada EOR (Estudos Organizacionais), na subárea intitulada Teoria das Organizações retratam o artesanato como empreendedor. Os dois artigos publicados nesta subárea estão vinculados a UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Esta concentração, mesmo que pequena, pode ressaltar a busca por estudos científicos da academia acerca do tema.

Um deles trata da institucionalização da Feira Hippie na cidade de Belo Horizonte e que se refere ao artesanato como empreendedor. Os resultados revelaram a influência do poder público (isomorfismo coercitivo) sobre o campo nos quase 40 anos da Feira Hippie, embora tenha havido fases em que outros tipos de isomorfismo emergiram com maior força (Carrieri, Saraiva & Pimentel, 2007).

O outro é uma crítica que busca justificar de modo embasado a necessidade de discutir a economia solidária e a autogestão. São experiências que não são alternativas no seu sentido de opção, mas necessárias para a sobrevivência, inerentes àquelas pessoas e lugares, incluindo a relação entre artesanato e empreendedor (Webering, 2008).

Entretanto nenhum desses artigos define ou explicita, claramente, a relação entre empreendedorismo e artesanato, apesar de estar implícita a relação econômica entre esses dois construtos. Nesse sentido, abre-se uma importante lacuna a ser preenchida pela academia nesse contexto.

A subárea Teoria das Organizações procura privilegiar a demonstração da diversidade dos estudos organizacionais na realidade brasileira. Abrange trabalhos teóricos, empíricos e ensaios sobre as organizações oriundos de diferentes perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas. Assim, além dos estudos organizacionais considerados clássicos, considera também estudos organizacionais críticos, exceto aqueles enquadráveis na Área Temática Teoria Crítica em Estudos Organizacionais, voltados à teoria crítica. Sugere-se, como linhas temáticas, trabalhos que discutam novas formas de gestão, velho e novo institucionalismo, particularizando questões de cultura nas organizações, identidade organizacional, organizações familiares, formas de controle nas organizações e na sociedade organizacional, poder e resistência nas organizações, cooperação e confiança organizacional, entre outras. Com base na perspectiva de construção de conhecimento na área e também na relevância desse conhecimento para o desenvolvimento da sociedade Associação Nacional Pós-graduação em Administração [ANPAD](2007).

A Tabela 6 demonstra a evolução percentual da ocorrência do termo “Artesão” associado ao radical “empreend” nos artigos da EnANPAD por ano.

Tabela 6.

Ocorrência do Termo “Artesão” Associado ao Radical “Empreend.”

ANO	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	Número de artigos com o termo "artesão" associado ao radical "empeend".	% de ocorrência do Termo "Artesão" associado ao radical "empreend."
1999	271	2	1	0,37
2000	364	10	2	0,55
2001	464	3	2	0,43
2002	554	2	1	0,18
2003	630	5	4	0,63
2004	799	5	1	0,13
2005	791	8	4	0,51
2006	836	9	3	0,36
2007	973	22	5	0,51
2008	1001	28	7	0,70
Total	6683	94	30	0,45
Média Simples	668,3	9,4	3,0	0,045

Fonte: Elaborado pelos autores

Observa-se, analisando a Tabela 6 que com relação a aparição do radical pesquisado “empreend” dentro dos artigos que contém o termo artesão, constatou-se que a ocorrência preponderante surgiu nos anos de 2007 e 2008, representando 44,82% do total dessas aparições.

Apesar de o número de ocorrência de artigos que associaram esse termo com o radical “empreend” permanecessem próximos aos percentuais encontrados nos anos de 2005, 2003 e 2000, ressaltando um leve crescimento no ano de 2008. Esse dado revela que apesar do crescimento do número de artigos envolvendo a temática do artesão, a sua relação com o termo empreendedorismo pode ser uma oportunidade de futuros estudos.

Há de considerar, entretanto, que a mera menção do termo “artesão” ao radical “empreend” não significou que esses artigos discorressem sobre a temática do artesão enquanto empreendedor, mas apenas fizeram alusão a esses dois construtos dentro dos respectivos artigos. Isso é, analisando as informações coletadas nos 6683 artigos publicados e suportados pelos critérios das “leis de Zipf” conclui-se que os artigos publicados nos eventos EnANPAD nos últimos dez anos, somente dois artigos publicados pela academia associa o artesão com o empreendedorismo, isso é, trata especificamente do artesão como empreendedor, como mostra a Tabela 7. Esses dois artigos foram publicados em 2007 e 2008 na área denominada EOR (Estudos Organizacionais), na subárea

intitulada Teoria das Organizações e estão vinculados a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Tabela 7.

Artigos que Trataram o Artesão como Empreendedor

2007	EORA-128	Aglomerções Produtivas e Estudos Organizacionais: em Busca de uma Tipologia sobre Novas Conformações Organizacionais	O presente artigo, fruto de intensa investigação, procura suprir tal deficiência, elaborando uma tipologia de análises na área. Apresenta, de maneira crítica, as principais correntes de reflexões e seus impactos no âmbito dos estudos organizacionais. Mostra, também, a crescente identidade entre a evolução desse pensamento e os interesses dos pesquisadores organizacionais, que passaram a povoar esse campo fértil de reflexões, onde o território é vislumbrado como um grande complexo produtivo.
2008	EORC-1822	Uma Justificativa Crítica Pela Economia Solidária	Este trabalho é uma crítica que busca justificar de modo embasado a necessidade de discutirmos a Economia Solidária e a autogestão. No âmbito da Administração este trabalho visa contribuir para reconhecimento da importância da teoria crítica nos estudos organizacionais. Na medida em que a mudança reside nas relações de produção, a Administração exerce um papel fundamental.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Mascêne e Tesdeche (2010, p. 18) apresentam, em dois momentos, definições que apontam a importância da produção artesanal relacionada à individualidade. Atualmente, o fazer manual está valorizado. O artesanato é a contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados “ [...] Os consumidores têm buscado peças diferenciadas e originais em todos os segmentos” e a relevância do artesanato também se dá na medida em que se apresenta como contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados, promovendo o resgate cultural e o fortalecimento da identidade regional.

Para Dornelas (2011), empreendedores são merecedores de valorização e respeito, pois são responsáveis pela geração de riquezas e conseqüentemente, são contribuintes diretos para o processo de desenvolvimento do país.

Segundo Morales Neto (1996), o artesanato destaca-se como elemento cultural, representando a autenticidade e promovendo a educação. Pelo prisma econômico, é atividade geradora de trabalho e renda e ganha função social. O artesanato pode ser feito em qualquer lugar e tempo, contribuindo para uma melhor qualidade de vida.

A alegação defendida é a de que os núcleos artesanais não são apenas planos de sobrevivência de grupos sociais ao sistema. São estratégias de produção que sobrevive

paralelamente ao processo industrial. Como expressão de sistemas auto-organizados, o artesanato representa uma forma de emulação ou de resiliência ao modelo de produção econômica dominante no mundo contemporâneo, aparecendo como opção amadurecida para a geração de ocupação e de promoção do desenvolvimento regional e territorial na atualidade (Maturana, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pessoa humana é a sede de uma alma original, sede da cultura e de todos os aperfeiçoamentos. A proficiência artesanal está na pessoa do artesão. Ele é capaz de exercer sozinho todas as fases de um determinado ofício (D'Ávila, 1983, p. 175).

Em um mercado globalizado, ser empreendedor é arriscar, e arriscar muito. Além disso, é preciso muita disposição para trabalhar, muito controle emocional para suportar as crises e os problemas que surgem a todo instante.

Trabalhar com empreendimentos artesanais pode ser um ato de desbravar contextos desconhecidos, inusitados e cheio de surpresas. O artesanato está em processo de evolução. O consumo aumentou consideravelmente, novas técnicas de produção foram desenvolvidas, e as técnicas tradicionais foram resgatadas e ganharam novas formas de aplicação. Na linguagem capitalista, o artesão poderia ser designado como capital humano, ou seja, como o detentor do conhecimento do “jeito de fazer” e do “porquê de fazer”.

Assim, o artesanato se consolida na sociedade pós-industrial como uma organização social, fazendo parte de um cenário produtivo diferenciado que é importante para a sanidade da vida humana associada. Este cenário é compatível com a sociedade da informação, pois o empreendimento artesanal deve ser intencional e não imposto por terceiros e instituições. Para reduzir os riscos de fracasso e descontinuidade, os empreendedores dos negócios artesanais devem exercer a cidadania ativa e, como cidadãos, estimular a agregação da sua rede comunal para o desenvolvimento e a melhoria da produção, contribuindo para a satisfação individual e coletiva (Ramos, 1989).

Outro ponto importante refere-se ao processo de formação profissional no desenvolvimento de produtos artesanais. As iniciativas por parte das instituições de ensino têm se concentrado em promover atividades de extensão e pesquisa com este foco, mas no que se refere às atividades de ensino, este tema ainda não tem sido abordado de maneira incisiva.

Analisando as informações coletadas nos 6683 artigos publicados e suportados pelos critérios das “leis de Zipf” conclui-se que os artigos publicados nos eventos EnANPAD nos últimos dez anos não tratam de forma intensiva o termo pesquisado, ou seja, a academia não relaciona o artesanato como forma de produção econômica, uma vez que de todas as aparições do termo

pesquisado “artesanato”, somente em dois artigos publicados pela academia associa o artesanato com o empreendedorismo.

Conclui-se que o empreendimento artesanal não despertou ainda o interesse de pesquisa na área de administração, mesmo tendo impactos consideráveis na economia e em toda a sociedade.

Como sugestões para novos estudos pode-se eleger a ampliação da pesquisa em outros eventos acadêmicos, por meio de análises mais interpretativas e aprofundadas. Diante do exposto, lança-se o desafio de realizar estudos mais críticos, como forma de contribuir para a análise da realidade administrativa das organizações do campo do empreendimento artesanal e identificar como o artesanato realmente pode contribuir para o desenvolvimento do país, através da geração de emprego e renda com equidade e justiça social.

REFERÊNCIAS

- Associação Nacional Pós-graduação em Administração. Divisões Acadêmicas. (2007). Recuperado em 23 março, 2007, de http://www.anpad.org.br/sobre_divisoes_academicas.php
- Bufrem, L. S., & Prates, Y. (2005). O Saber Científico Registrado e as Práticas de Mensuração da Informação. *Ciência da Informação, Brasília, 34(2)*, 9-25, maio/ago.
- Carrieri, A. P., Saraiva, L. A. S., & Pimentel, T. D. (2007). O Processo de Institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte. In: Encontro Nacional de Pós Graduação em Administração, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 31.
- Cuéllar, J. P. (Org.). (1997). *Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Brasília: UNESCO / Papirus Editora.
- D'Ávila, J. S. (1983). O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: Ribeiro, B. G., Alvim, M. R. B., Heye, A. M., Vives, V., D'Ávila, J. S., & Teixeira, D. L. M (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore.
- De Muylder, C. F., Rocha, A. M., Gonçalves, C. M., Souza, R. B., & Oliveira, W. T (2008). Tema Inovação: uma Análise Bibliométrica no Evento EnANPAD 2007. *Gestão & Tecnologia, 8(1)*, 1-13.
- Drucker, P. F. (2008). *Inovação e Espírito Empreendedor (Entrepreneurship): prática e princípios*. São Paulo: Cengage Learning.
- Dolabela, F. (2008). *Oficina do Empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados.
- Dolabela, F. (2004). *A Vez do Sonho: empreendedores falam sobre o fascinante caminho da inovação, do risco, da auto realização e revelam por que não têm medo de perseguir seus sonhos*. São Paulo: Cultura.
- Dornelas, J. C. A. (2011). *Empreendedorismo: transformando Ideias em Negócios*. Rio de Janeiro: Campus.
- Freitas, A. L. C. (2006). *Design e Artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto*. Dissertação de mestrado em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.

- Fukuyama, F. (2000). *A Grande Ruptura: a natureza humana e a reconstituição da ordem social* (Montingelli Junior, N. tradutor). Rio de Janeiro: Rocco.
- Guedes, V. L. S., & Borschiver, S. (2005). *Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica*. Recuperado em 2 fevereiro, 2009, de <http://dici.ibict.br/archive/00000508/>
- Ramos, A. G. (1989). *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações* (2. ed.). Rio de Janeiro: FGV.
- Lima, A. A. M., & Azevedo, I. M. (1982). *O Artesanato Nordestino: características e problemática atual*. Fortaleza: Banco do Nordeste/ETENE.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, Ciência e Vida*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Moraes Neto, B. R. (1996). *A Evolução dos Processos de Trabalho e a Natureza da Moderna Automação*. *Estudos de Sociologia, São Paulo, 1*, 65-72.
- Mascêne, D. C., & Tesdeche, M. (2010). *Termo de Referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato*. Brasília: SEBRAE/UF, 2010.
- Ribeiro, B. G (1983). *Artesanato indígena: para quê e para quem?* In: Ribeiro, B. G., Alvim, M. R. B., Heye, A. M., Vives, V., D'ávila, J. S., & Teixeira, D. L. M. (1983). *O Artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore,
- Rugiu, A. S. (1998). *Nostalgia do Mestre artesão*. Campinas: Autores Associados.
- Souza, T. (1991). *Uma estratégia de Marketing para o Artesanato do Rio Grande do Norte*. Tese de doutorado em Administração, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, SP, Brasil.
- Souza Neto, B. (2001). *Genealogia e Especificidades acerca de um Tipo de Empreendedor Popular: o artesão brasileiro*. *Anais do Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, Londrina, PR, Brasil, 2*.
- United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (2009). *Handcrafts and Design; Handicrafts; Seal of Excellence Programme*. Retrieved march 6, 2009, from portal.unesco.org
- Vives, V. (1983). *A Beleza do Cotidiano*. In: Ribeiro, B. G., Alvim, M. R. B., Heye, A. M., Vives, V., D'ávila, J. S., & Teixeira, D. L. M. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore.
- Webering, S. I. (2008). *Uma Justificativa Crítica pela Economia Solidária*. *Anais do Encontro Nacional de Pós-graduação em Administração, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 32*.
- Yair, K., Press, M., & Tomes, A. (2001). *Crafting Competitive Advantage: Crafts Knowledge as a Strategic Resource*. *Design Studies, Great Britain 22*, 377-394.
- Zoltowski, V. (1986). *Bibliometria: Teoria e Prática*. São Paulo: Ed. Cultrix.

THE CRAFTSMAN AND ENTREPRENEURSHIP: A BIBLIOMETRIC STUDY OF ACADEMIC PRODUCTION IN ENANPAD EVENTS FROM 1999 TO 2008

ABSTRACT

This study aimed to identify the articles produced from 1999 to 2008, the National Meetings of the Association of Graduate Programs in Business Administration (EnANPAD), the occurrence of the term craftsman relating it to the construct of entrepreneurship. We used the Zipf's Law to determine the frequency of the term "crafts" and radical "entrepreneur" in academic texts of encounters surveyed. The result of the survey indicated that the 6683 articles published in the period surveyed, the occurrence of the term "crafts" was 0.99%, while the occurrence of radical "entrepreneur" was 16.45%. We conclude that the craft how business did not wake also the interest of research in the area of administration, despite having considerable impacts on the economy and in every society, that is, the articles published in the ten years analyzed EnANPAD not treated unanimously, intensive or in-depth, insertion of the artisan as an entrepreneur in the business scenario.

Keywords: Craftsman; Entrepreneurship; Bibliometrics; Business; EnANPAD.

EL ARTESANO Y EL EMPRESARIADO: UN ESTUDIO BIBLIOMÉTRICO DE LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA EN EVENTO ENANPAD DE 1999 A 2008

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar los artículos producidos en el período 1999-2008, en los Encuentros Nacionales de la Asociación de Programas de Posgrado en Gestión (EnANPAD), la aparición del término artesano relacionándolo con la construcción de la iniciativa empresarial. Se utilizó la Ley Zipf para determinar la frecuencia del término "artesanal" y "Desarrollos" radicales en los textos académicos de encuentros encuestados. Los resultados del estudio mostraron que en 6683 los artículos publicados en el período estudiado, la aparición del término "artesanal" fue de 0,99 %, mientras que la incidencia de la "evolución " radicales fue de 16,45 %. Llegamos a la conclusión que la nave empreendimento aún no despertó el interés de la investigación en el área de la administración, a pesar de tener un impacto considerable en la economía y en todas las sociedades, es decir, los artículos publicados en los diez años analizados EnANPAD no tratados por unanimidad, intensiva o en profundidad, inserte el artesano como empresario en el escenario del negocios.

Palabras clave: artesano; Emprendimiento; Bibliometría; Negocios; EnANPAD.